

# Financiamento do sistema educacional canadense: os desafios de uma difícil conciliação econômica

José Antônio Fedalto

*Resumo:* O sistema educacional canadense completa quase quatrocentos anos de evolução. De fato, é nos fundos públicos que as instituições de ensino canadenses têm o seu provedor-mor. O financiamento, particularmente no que tange às universidades, já enfrenta inquietantes dilemas, em nível de macro e micro investimentos. No atual cenário econômico, as universidades estão suportando fortes embates. Novos paradigmas de gestão parecem aplicar-se inevitavelmente. Para um país habituado ao modelo de sistemas públicos, como o Canadá, questões em torno da sustentabilidade do financiamento da educação, particularmente a superior, têm motivado grandes discussões e acalorados debates. Vejamos, a seguir, o que está ocorrendo.

*Abstract:* The educational system in Canada has been evolving over almost four centuries. As a matter of fact, the Canadian institutions are heavily supported by public funds. The university funding system, in particular, is facing disquieting dilemmas concerning investments, at the macro and micro-level as well. In the actual economic setting, universities are facing stronger impacts. New paradigms for the university management seem to be inevitably applicable. For a country used to the public system model, like Canada, concerns around the sustainability of the educational funding, particularly for H.Ed., have been motivating big discussions and hot debates. Following, we show what is on the spot.

## O sistema educacional canadense – resenha histórica

O sistema educacional canadense conta com quase quatro séculos de evolução. Foi em 1616 que os primeiros professores franceses chegaram ao Canadá, com o explorador *Champlain*. Na pequena *Trois Rivières*, *Fr. Dupiessis* lecionava na primeira escola de então. Em 1633, na cidade de *Québec*, os jesuítas abriam uma escola de ensino primário e secundário. Trinta anos mais tarde [1663], o Seminário de *Québec* abria suas portas e seria a instituição precursora da futura *Université Laval*, a mais antiga universidade francófona da América do Norte.

Foi portanto no Canadá francês que o sistema de ensino canadense fincou suas raízes, dada a própria história de descobrimento e colonização do país. A Universidade de *New Brunswick*, a mais antiga instituição inglesa canadense, data de 1785. *Laval* recebeu a titulação de universidade em 1852. *Dalhousie* [1863] é outra instituição canadense de nomeada, cujos fatos históricos são ricos.

O sistema da moderna educação pública canadense remonta à metade do século XIX, na atual Província de *Ontario*, seguindo a tradição do mais puro modelo britânico. Em 1816, um Ato autorizava a abertura oficial da primeira escola pública de ensino básico, devido à existência, na comunidade, de um número igual ou superior a 25 crianças em idade escolar, parâmetro então utilizado.

O primeiro jardim de infância público surgiu em 1883, em *Toronto*, seguindo o ideal alemão: para as crianças, o brincar é um meio importante de aprendizado. Quatro anos mais tarde, a Província de *Ontario* incorporava formalmente o jardim de infância ao sistema escolar público, seguida logo após por *Manitoba*. O lema era o de que uma educação apropriada para as crianças nos seus sete primeiros anos, contribuiria muito para a redução dos níveis de pobreza e criminalidade nas comunidades.

O Ato Constitucional celebrado em *Charlottetown* [PEI], em 1867, bem como o Ato Constitucional de 1982, deram às províncias a jurisdição exclusiva sobre educação, protegendo todavia as escolas confessionais – protestantes e católicas – reconhecidas e já formalmente

estabelecidas em *Ontario* e *Québec*. Como resultado, o Canadá possui, com efeito, 12 sistemas educacionais nas suas 10 províncias e seus 2 territórios, cada um com administração própria [o 13º sistema surgiu com a criação do Território de *Nunavut*].

Assim, o nível de descentralização na administração da educação canadense é quase único no mundo. O Governo Federal não atua diretamente na condução da educação elementar e secundária, mas indiretamente, com a formulação de políticas e o relacionamento fiscal, o que produz, no entanto, significativos impactos em nível de legislação provincial.

## A educação pública pós-secundária no Canadá

Foi no oeste e centro-oeste canadense, em estreita afinidade com os EUA, que se estabeleceram as primeiras universidades públicas, com critérios de admissão mais liberais do que aqueles preconizados pelo tradicional e conservador modelo britânico. Assim o fizeram, no início deste século, quatro províncias – *Colúmbia Britânica*, *Alberta*, *Saskatchewan* e *Manitoba*. Nas demais, as universidades refletiam ainda um caráter mais seletivo, ditado também pela sua própria gênese eclesiástica.

Num movimento que se iniciou após a Primeira Grande Guerra, e mais fortemente após a Segunda, o Governo Federal Canadense passou a suportar financeiramente a educação superior e as pesquisas desenvolvidas em universidades. Seguindo recomendações de uma comissão então estabelecida, o Governo Federal passou a prover fundos diretamente para as universidades em 1951. Em 1967, por intermédio de um Ato, as províncias canadenses passaram a receber do Governo Federal, 50% de seus custos operacionais com educação superior. A expansão então verificada foi fantástica.

No início dos anos 70, o sistema estava em franca expansão. Prosperava a rede dos *Community Colleges*, destinados à formação de mão-de-obra tecnicamente qualificada para ser absorvida pela indústria, pelos negócios e pelo serviço público. Já nos anos 80, a história mudava: começava um período de restrições, ditado duplamente pelas condições

de empobrecimento da economia e de elevados níveis de desemprego. A situação manter-se-ia durante os anos da década de 90, quando as instituições de ensino superior continuaram a experimentar notáveis cortes orçamentários.

“*Learning well – living well*” é, por suposto, um binômio superválido, mas os céus no horizonte próximo estão cada vez mais nublados. Particularmente, para as universidades tem sido difícil a adaptação à nova realidade de restrições fiscais e de distintos mercados de trabalho emergentes; e para os estudantes, a situação de taxas escolares cada vez mais elevadas.

## O financiamento do sistema educacional

O sistema canadense de ensino compreende um conjunto composto por 16 mil escolas de ensino de primeiro e segundo grau e 288 faculdades e universidades. A maior parte do ensino primário e secundário acontece em escolas públicas, dirigidas por autoridades educacionais locais e submetidas à legislação provincial. Apenas 5% dos estudantes freqüentam escolas particulares nestes níveis de ensino.

De fato, são os governos provinciais os principais mantenedores do ensino público primário e secundário no Canadá. No financiamento direto da Educação, os governos provinciais têm contribuído, em anos recentes, em torno de 55% do orçamento total, que somados aos 22% dos governos municipais, totalizam 77% de aporte. Ao Governo Federal têm cabido, em média, 11% dos investimentos. Taxas e outros respondem pelos 12% restantes.

Por décadas, os *school boards* têm sido uma característica do sistema educacional canadense. Trata-se de grupos de pessoas eleitas nas comunidades, com poderes delegados pela província, cuja função é contratar professores e atender as instalações físicas e o suprimento das escolas. Em conjunto com a província, compartilham autoridade em assuntos tais como estabelecimento de currículos, livros-texto e programas de cursos. Do montante destinado ao ensino pela província, em torno de 85% são absorvidos pelos *school boards*. Todavia, a situação

tem experimentado significativas mudanças nos últimos anos. Várias províncias têm reduzido drasticamente o número de *boards* e alterado substancialmente o seu papel no sistema.

Em termos da distribuição global de recursos nos diferentes níveis de ensino, ao primeiro e segundo graus têm correspondido 61%, 20% às universidades, 11% aos programas de treinamento vocacional e 8% aos *Community Colleges*. No tocante ao ensino superior, a situação de proveniência de fundos é semelhante. Todavia, Governo e estudantes compartilham, em distintas proporções, os gastos de ensino. Dos governos provinciais provêm 62%, das taxas escolares 26% e do Governo Federal 12%. Do orçamento operacional, as universidades ficam com 74% dos recursos alocados e os *Community Colleges* com 26%.

Como se pode ver, os governos provinciais são a fonte primária provedora de recursos para o ensino. A contribuição paga pelos estudantes no ensino superior, no entanto, tem crescido consideravelmente nos últimos anos. Basta lembrar que, em termos de orçamento das instituições, estas taxas representavam, há uns quinze anos, algo como 17%. Nos dias de hoje, este impacto chega à casa de 25%. Neste particular, têm sido aparentes as dificuldades com as dívidas contraídas via programas oficiais de crédito educativo para o financiamento do ensino superior. Existem, hoje, em torno de 12 mil estudantes graduados que falharam no cumprimento de suas obrigações financeiras junto ao Governo.

O Governo Federal tem auxiliado os governos provinciais na construção de fundos de pesquisa, programas de crédito educativo e programas de ensino dos dois idiomas oficiais do país — Inglês e Francês. Neste particular, saliente-se que dos 200 mil imigrantes que anualmente aportam ao Canadá, 45 mil são crianças em fase escolar, 60% das quais falam um outro idioma que não os oficiais.

Muitas universidades estão lançando mão de campanhas de arrecadação de fundos alternativos. As campanhas de *fund raising* das Universidades de *Toronto*, *Alberta* e *Guelph*, têm levantado enormes somas, apenas para citar, porque absolutamente todas as instituições estão envolvidas em tais campanhas. Programas especiais onde as taxas cobradas constituem praticamente a fonte básica de financiamento, tais

como MBAs e EMBA's, são também exemplos de captação de recursos alternativos. *Queen's* e *Western Ontario* são citadas como exemplos de sucesso neste caso.

A contribuição trazida pelos estudantes internacionais, que pagam em média 2,5 até 3 vezes mais que seus colegas cidadãos canadenses, também tem sido fortemente procurada. E existem 31 mil deles nas instituições canadenses [dados do CBIE], aportando à economia algo como Cdn\$ 1 bi anual em taxas, materiais e despesas de estada.

## Os inquietantes dilemas atuais

No mundo todo, no entanto, o sistema estatal está hoje sendo posto em xeque. A incapacidade de financiamento em larga escala ditada pela escassez de recursos, com a falência do modelo Estado Mantenedor, têm levado sistemas ao colapso ou à beira dele. É constatação realista. Restrições orçamentárias têm-se traduzido em significativas reduções de investimentos. As instituições estão, em realidade, fazendo menos com menos.

Escassez de recursos força opções. No caso canadense, detecta-se uma migração de financiamento estatal para outras áreas que não Educação, tais como Saúde e Programas Sociais. Nestas, aliás, o Canadá é sobejamente conhecido como detentor de sistemas dos melhores do mundo, enfrentando, todavia, fortíssimas pressões em face de crescentes demandas.

As universidades canadenses, sejam entidades juridicamente públicas ou privadas, têm no Estado, como vimos, seu principal elemento mantenedor. Todavia, não são unicamente os recursos públicos que as mantêm. Recordemos que todas são pagas, todas cobram taxas escolares dos estudantes, as privadas mais elevadas do que as públicas. Instituições bancárias já lançam planos de poupança, de modo que as famílias possam preparar-se para enfrentar os custos de manutenção da educação superior.

O financiamento das universidades vem, no entanto, sendo reduzido, ao tempo que se elevam as taxas escolares, numa via de dupla mão. O impacto do aumento das taxas cobradas pelas universidades hoje

já é assustador para a realidade canadense. Em algumas províncias, este aumento já atingiu o dobro, num período de dez anos. Mas, o acréscimo verificado no orçamento das instituições em decorrência de tais aumentos, não vem compensar, de longe, a redução devida aos cortes governamentais impostos. Nos últimos oito anos, a arrecadação com as taxas escolares cobradas pelas universidades representa em torno de 50% do aporte governamental perdido.

Salários e benefícios pagos a professores e funcionários têm, por certo, um grande impacto na folha de pagamento das instituições. Também decorrente de cortes orçamentários, está acontecendo uma diminuição no número de professores universitários. As estatísticas mostram uma redução de 11% de professores em regime *full time*. Estudos demonstram que, para o nível de matrícula de estudantes universitários, nas duas últimas décadas, existe um déficit de 14 mil docentes. Dos professores que têm deixado as universidades, incentivados por planos de aposentadoria precoce, apenas a metade vem sendo substituída por outros mais jovens.

Outro dilema que impacta diretamente os cofres institucionais é a quebra do mito de que formação universitária significa posto de trabalho. Diga-se, no entanto, que a situação é paradoxal a este respeito: certas profissões exigem o nível superior, porém, em muitos casos, os portadores de título universitário estão desempregados. No entanto, os números mostram que a menor percentagem de desempregados é, ainda, a de pós-graduados.

De toda forma, a quantidade de jovens matriculados a cada ano nas universidades canadenses tem sido, no máximo, estável. Como tem-se proclamando que “*se os estudantes desejam o mundo da academia devem dirigir-se a urna universidade, mas se desejam enfrentar o mundo real, então devem procurar um College*”, as universidades vêm enfrentando uma perigosa redução de demanda. O que se tem verificado é uma migração de estudantes que, muitas vezes desiludidos com a eficácia do ensino universitário, têm optado por seguir ou prosseguir seus estudos em *Colleges*.

E, se voltarmos a atenção para os sistemas de educação básica, nos depararemos com advertências de especialistas no sentido de que eles

ainda preparam jovens para atuarem num sistema econômico arcaico. Estudos do *Collegium of Work and Learning*, de *Toronto*, prevêem que na próxima década menos da metade da força de trabalho estará atuando no tradicional sistema de emprego *full time*. Isto significa que os estudantes deveriam sair dos bancos escolares com uma formação suficiente que lhes permitissem atuar como empreendedores e gestores de seus próprios negócios. Todavia, os sistemas escolares ainda insistem numa formação típica de legiões de supostos empregados.

## O arrocho no sistema universitário

Os efeitos dos cortes orçamentários no sistema universitário canadense nas duas últimas décadas são cumulativos e atingem diversas frentes. Em termos de professorado, estima-se que nos próximos dez anos, 32 mil novos docentes deveriam ser contratados para compensar o déficit gerado pelas aposentadorias. As bibliotecas têm sentido impactos em termos de decréscimo de orçamento para novas aquisições e acréscimo no custo de livros e periódicos. Estima-se também que, em termos de manutenção de instalações básicas, há um déficit acumulado em torno de Cdn\$ 3 bi.

Em termos de pessoal, os cortes têm atingido o tradicional modelo de tutores e conselheiros acadêmicos do sistema universitário. A relação [estudante/professor] tem aumentado em até 30% em determinados casos. Paradoxalmente, em certos programas de ensino, como Ciência de Computação, o Governo tem incentivado o aumento de vagas, o que vem chocar-se com a problemática dos cortes. Os estudantes, por seu turno, têm sido muitas vezes obrigados a postergar a data de sua graduação, seja para poderem absorver os crescentes custos das taxas escolares, seja para obterem vaga nos cursos que desejam.

O Governo Federal tem, no entanto, sinalizado com verbas especiais, tais como o Fundo de Inovação e as Cátedras de Excelência. No entanto, reclamam docentes e administradores universitários, tais incentivos financeiros envolvem contrapartidas em termos de pessoal



capacitado e instalações físicas, o que vem pressionar ainda mais o sistema. Além disto, tais rubricas são especificamente destinadas e não resultam, efetivamente, em mais dinheiro líquido para as universidades.

De quem é a culpa, ou seja, de onde provieram os primeiros cortes, se em nível federal ou provincial, é uma discussão que não vem mudar a realidade. De toda forma, o debate acalora-se no momento em que se fala de estudos para mudanças no sistema contratual de docentes universitários [*tenure policy*], ou até a entrada no sistema de universidades puramente privadas. Aquele bem público e acessível pode vir a ser não mais o mesmo.

## A situação de macro-investimentos

Os investimentos governamentais em pesquisa & desenvolvimento no Canadá também têm experimentado cortes significativos. O Conselho Nacional de Pesquisas [NRC] teve reduzido em 20% o seu orçamento nos últimos quatro anos. Clamores têm ecoado em *Ottawa* por suplementações orçamentárias para o atendimento de pesquisas em determinadas áreas consideradas chave nos próximos anos: biotecnologia, tecnologia de informação e indústria aeroespacial, entre outras.

A conjunção de diversos fatores, como o envelhecimento da população, donde a pressão sobre serviços sociais, a alta taxa de renda, donde o fluxo migratório de trabalhadores de alto nível para o vizinho EE.UU., a redução de investimentos em P&D, donde as perdas em inovação e produtividade fazem com que a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OCDE] até preveja uma queda na renda *per capita* canadense em relação à média dos países membros, mantendo-se a situação vigente.

Os números de fato mostram que o Canadá vem investindo apenas 1,65% do seu PIB em P&D. Enquanto países como, EUA, França, Alemanha e Inglaterra têm visto crescer seus orçamentos neste setor, sem mencionar os enormes investimentos feitos pelo Japão, o Canadá, ao contrário, corre riscos de posicionar-se atrás – reconhecida exceção nas

pesquisas no campo de Medicina. No setor fiscal, a arrecadação com taxas recolhidas aos cofres governamentais representa quase 37% da economia canadense, o que é um índice alto, contra aproximadamente 29% no caso da economia americana.

O setor público, provedor-mor de macro-investimentos em muitos países no mundo, tem sido alvo de acalorados debates nos últimos anos. Tem-se debatido sobre a diminuição do tamanho do Estado, sobre a introdução de princípios de mercado e de mais disciplina no setor, e sobre a mudança da cultura estatal, encorajando-se indivíduos a comportamentos administrativos mais típicos do setor privado. Tem-se proposto a retirada do Estado tanto da produção quanto do fornecimento direto de serviços públicos, de modo que ele [Estado] concentre-se mais no estabelecimento de políticas e nos aspectos administrativos da provisão de tais serviços [*Shields & Evans*].

*Paul Martin*, Ministro de Finanças do Canadá, vem enfatizando a necessidade de uma nova arquitetura para o Governo e a economia, numa reinvenção do sistema que atenda desafios da atualidade e não necessidades de décadas passadas. *Judith Maxwell*, presidente da Rede de Pesquisa em Política Canadense, baseada em *Ottawa*, ressalta que finalmente uma nova era de investimentos sociais inicia-se no Canadá. Após duas décadas de reestruturações e restrições impostas ao setor público, o país trata de construir um novo paradigma social para o próximo século, segundo ela. A começar por um papel mais restrito do Estado na economia, com cortes nos gastos públicos e processos de desregulamentação. No entanto, qualquer reorientação orçamentária de políticas públicas leva anos para frutificar.

## Tendências futuras

As velhas forças movedoras do crescimento de nações – terra, capital e recursos naturais – já deixaram de sê-lo. Tais ativos quantitativos, outrora de importância, estão sendo rapidamente substituídos por outros de natureza qualitativa. Agora, são os recursos humanos e não mais os físicos que contam. Na economia contemporânea,

o manejo de informação e conhecimento constitui um grande insumo [McRae, 1994].

Embora a economia mundial venha apresentando sinais de recessão, ainda propagam-se forças que podem viabilizar fatores de crescimento. Entre elas, uma revolução científica e tecnológica que enfatiza o conhecimento, acompanhada por notáveis inovações no campo de Gestão. Conhecimento é, hoje, vantagem competitiva nacional.

A OCDE utiliza dados sobre o alcance educacional de um país como indicadores de seu desenvolvimento social e econômico, obtendo assim um perfil de investimento em capital humano. O sucesso ou fracasso de qualquer país nas próximas décadas [McRae] dependerá fundamentalmente do fator crescimento. Esta questão implica julgar a eficiência das sociedades como um todo. E uma das maneiras de comparar a metodologia das organizações sociais de diferentes nações é verificar a proporção de jovens com nível de instrução elevado.

Neste particular, o Canadá possui um notável perfil no que diz respeito à proporção de sua população com grau universitário. São 20% dos cidadãos, no grupo de idade compreendida entre 25 e 34 anos, o que o coloca à frente de França, Inglaterra, Alemanha e Austrália; perde para Coreia e EUA. Na quantidade de PhDs formados, no entanto, o Canadá posiciona-se atrás de EUA, Alemanha, França, Japão e Inglaterra. A expansão da produção de pós-graduados é clara tendência mundial, como fonte de geração de conhecimento.

O trinômio pesquisa-desenvolvimento-inovação é também considerado chave no mundo em termos de competitividade nacional. Neste particular, o papel desempenhado pelas instituições universitárias é absolutamente singular no desafio do aumento de produtividade. No Canadá, recentes iniciativas de financiamento de pesquisas universitárias apontam para um novo comprometimento na retomada do desenvolvimento.

Um das provas mais significativas neste sentido foi a criação da Fundação Canadense para Inovação, anunciada no orçamento federal de 1997. Este organismo tem por objetivo prover universidades e hospitais universitários com modernas instalações e equipamentos para o desenvolvimento de atividades de pesquisa. As áreas contempladas são:

Ciências, Saúde, Engenharia e Meio Ambiente. Os últimos orçamentos do Governo Federal Canadense têm refletido a tendência de enfatizar inovação e conhecimento. Entidades como a Rede de Centros de Excelência, o Conselho de Pesquisas em Humanidades & Ciências Sociais e o Instituto Canadense de Pesquisas em Saúde têm recebido significativo suporte federal.

Ainda que existam sinais para revigorar investimentos em P&D de parte do Governo Federal, a interação *universidade x indústria* vem tomando rumos crescentes. A presença de fundos privados no financiamento de pesquisas desenvolvidas em universidades canadenses é hoje 6 vezes maior do que há vinte anos. Considerando-se fontes de organizações lucrativas e não-lucrativas, em 1997, quase 10% das pesquisas no campo de Ciências Humanas & Sociais receberam financiamento privado, 23% no campo de Engenharias e 34% no de Ciências da Saúde. As universidades estão assim envolvendo-se ativamente no processo de transferência de tecnologia à indústria, comercializando suas pesquisas desenvolvidas. Dados do *Statistics Canada* apontam que aproximadamente um terço das universidades canadenses estão licenciando seus produtos.

## Conclusão

Embora o Canadá venha apresentando por muitos anos um dos mais altos níveis de realização educacional no mundo, o futuro pode causar-lhe surpresas. Especialmente se o Governo não materializar os investimentos necessários no setor que lhe permita reinar num mercado altamente competitivo como o de hoje.

Mas o Canadá é uma nação que investe pesado em educação: no global, são 8% de seu PIB. Afinal, educação é parte integrante da fábrica social de uma nação, assim como declarou *Francis White*, em *Toronto* [1994]. Os dilemas inquietantes enfrentados neste campo estão mantendo em fluxo constante o próprio sistema, principalmente numa sociedade tão democrática como a canadense.

Nas tendências da educação no futuro, conjugam-se fatores sócio-político-econômicos. Esta conjugação deverá vigorar nos esforços de reorientação das instituições de ensino superior no país. Tais esforços estão incentivando articulações interinstitucionais, objetivando sempre reduzir duplicações e usar mais eficientemente os recursos disponíveis. Estas articulações implicarão a possibilidade de maior mobilidade acadêmica, vital no corrente processo de integração.

Também em resposta às pressões sociais, as universidades estão tratando de demonstrar eficácia e efetividade, levantando seus indicadores de qualidade e sucesso. Vem à tona novamente a questão de financiamentos com recursos públicos. Cabe aqui citações do *Dr Derek Bok*, quando Presidente da *Harvard U*: “as instituições de ensino superior têm quase um monopólio dos recursos intelectuais vitais na sociedade. O financiamento que requerem vem, direta ou indiretamente, do público. Em tais circunstâncias, é mais do que justo que usem seus recursos de maneira responsiva às necessidades sociais, embora possam decidir que tipo de resposta seja mais apropriada”.

As questões levantadas, no entanto, pelo Prof. *Y. Lenoir II* [*Université de Sherbrooke*] afluem um interessante debate quanto ao futuro das universidades, como instituições culturais, no atual contexto da mundialização. “Tornar-se-iam elas organizações transnacionais subservientes a interesses de grandes corporações controladoras da economia global? Passariam a produzir uma cultura de massa estandardizada e assim consumível?” O atual sistema, prossegue o professor, tem levado as universidades a uma competição feroz por fundos, subvenções a pesquisas, postos de docentes e estudantes, tudo pela própria sobrevivência da organização. Para obtenção de reconhecimento social da *excelência universitária*, as instituições são forçadas a inscreverem-se num ciclo incessante e sufocante de crescente produtividade, fundamento, aliás, de inúmeros processos de avaliação. “Tornar-se-ão os pesquisadores verdadeiros empresários de seus projetos? E a formação cultural, um dos ícones das funções da universidade, vê-se hoje largamente distanciada?”

As universidades canadenses têm se esforçado para responder apropriadamente e interagir com os diversos segmentos da sociedade.

Este esforço deve continuar e crescer. Afinal, a sociedade canadense tem trabalhado para reunir fatores tais que posicionaram o país no topo absoluto da lista de qualidade de vida. Conseguirá este *refúgio* reverter previsões contrárias? O debate, como se vê, é praticamente comum a todos nós.

## Referências Bibliográficas

- CANADA YEAR BOOK '99. Ottawa: Ministry of Industry, 1998.
- DUNNING, Paula. *Education in Canada — an overview*. Toronto: Canadian Education Association, 1997.
- FEDALTO, J. A. Learning beyond with globalization in academic relations: why Canada? In: *4th• ABECAN Conference proceedings*, Uberlândia, 1997.
- \_\_\_\_\_. Brazil — Canada academic relations: an overview and thoughts for future perspectives. *CBIE International Conference*, Ottawa, Nov. 1999.
- FHANK, Tema. Death by a thousand cuts. In: *University Affairs*, AUCC, Ottawa, Feb. 2000.
- JANIGAN, Mary. Future Shock. In: *Maclean's*, Toronto, Feb. 15, 1999.
- \_\_\_\_\_. What's right & wrong with Canada. In: *Maclean's*, Toronto, Aug.16, 1999.
- LENOIR, Yves. Université du 21e. siècle: culturelle ou excellente? In: *Education Canada*, vol. 40, no. 3, Automne 2000.
- MACRAE, Hamish. *The world in 2020*. London: Harper Collins, 1994.
- MAXWELL, Judith. A new cycle of investments begins. In: *Canada Watch*, Toronto, vol. 7, no. 3, Jun. 1999.
- SHIELDS, J. & EVANS, M. *Shrinking the State*. Halifax: Fernwood Publ., 1998.
- Trends — The Canadian University in profile*. Ottawa: AUCC, 1999.